

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

21 de dezembro de 2023

O DIA MAIS CURTO: O FILM COM A AGÊNCIA DA CURTA-METRAGEM

AS GAIVOTAS CORTAM O CÉU (2023)

Realização e Argumento: Mariana Bárto, Guillermo García Lopez / **Direção de Fotografia:** Marta Simões / **Montagem:** Luís Costa / **Som:** Luís Silveira e Vasco Carvalho / **Assistente de Realização:** Ricardo Freitas / **Interpretação:** Sandra Salomé (Clara), Constança Carvalho Homem (Raquel), Maria Gil (Sónia), Joaquim Castro (Caveirinha), António Moreira (Maló), Ricardo Mateus (Mateus)

Produção: Rodrigo Areias (Bando à Parte), Dominique Welink (DW Production) / **Cópia** digital (DCP), a preto e branco, falada em português e com legendas em inglês / **Duração:** 19 minutos / **Estreia Mundial:** 17 de maio de 2023, no Festival de Cinema de Cannes, em França / **Estreia em Portugal:** julho de 2023, Curtas Vila do Conde, Festival Internacional de Cinema, Portugal / *Primeira exibição na Cinemateca*

AS PALAVRAS DERRETEM-SE NA ÁGUA (1998)

Realização e Argumento: Pedro Sena Nunes / **Fotografia:** Rui Poças / **Montagem:** João Pelica / **Música e Som:** Emídio Buchinho / **Voz-off:** Aníbal Cabrita / **Interpretação:** Rui Nunes

Produção: Carla Serrão, Pedro Sena Nunes / **Cópia** digital (DCP), a cores, falada em português / **Duração:** 12 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca*

SAL SEM MAR (1959)

Realização: Fernando Duarte / **Assistente de Realização:** A. Videira Santos, Humberto Vicente, Manuel Magalhães / **Fotografia:** Feliciano Júnior / **Captção de Som:** Rui Carvalho / **Colaboração Musical:** Orquestra Folclórica do Círculo Musical de Rio Maior, dirigida por Herculano Rocha

Apoio Financeiro: Fundo do Cinema Nacional / **Cópia:** 16 mm da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, a preto e branco, falada em português / **Duração:** 15 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca*

SOBRE A TERRA E SOBRE O MAR (1964)

Realização: Miguel Spiguel / **Poemas:** Porfírio Fernandes / **Direção de Fotografia:** Perdigão Queiroga / **Locução:** Joaquim Rosa, António Pedro, V. Lima Couto

Produção: Miguel Spiguel / **Supervisão:** António Pedro / **Serviços Técnicos:** Produções Cinematográficas Perdigão Queiroga / **Apoio Financeiro:** Fundo do Cinema

Nacional / **Cópia** 16 mm da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, a cores, falada em português / **Duração:** 13 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca*

SÃO MIGUEL 1924 – UM FILME DE FAMÍLIA (1924)

Realização e direção de fotografia: Charles Mallet

Cópia digital (DCP) da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, a preto e branco, sem som, com intertítulos em português / **Duração:** 7 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca*

Filme digitalizado pela Cinemateca Portuguesa no âmbito do projeto FILMar / Digitalização do Património Cinematográfico

COMEZAINAS (2022)

Realização e Argumento, Criação gráfica, Direção artística e de animação, Storyboard e layout: Mafalda Salgueiro/ Com Mafalda (filha), Maria da Piedade (Mãe), Arlindo (Pai), Elsa (Sra. do talho), Paula (Sra. da mercearia), Nita (Sra. hortelã), Tinho (o gato) / **Música Original e Piano:** Filipe Raposo / **Animação:** Filipe Alves, Helena Bernardes, Inês Martins, Linnea Lidegram, Luís Clemente, Luís Vital, Mafalda Salgueiro, Nicolau Tudela, Patrícia Guimarães, Rosa Beiroa, Rui Almeida Pereira / **Pintura:** Filipa Alves, Helena Bernardes, Mafalda Salgueiro / **Direção de Som:** Sérgio Silva / **Captação de diálogos e foleys:** José Luís Almeida, Sérgio Silva, Bernardo Bento / **Desenho de Som:** Bernardo Bento / **Mistura de som:** Maurício d'Orey / **Música, composição musical, interpretação:** Filipe Raposo

Produção: Tonelada / **Co-Produção:** Filmanimática / **Produtor:** Rui Cardoso / **Cópia** digital (DCP) a cores, com diálogos em português / **Duração:** 12 minutos / **Estreia Mundial:** 4 de maio de 2022, no IndieLisboa / *Primeira exibição na Cinemateca*

Com acompanhamento ao piano por Filipe Raposo nos filmes SÃO MIGUEL 1924 e COMEZAINAS

Com as presenças de Mariana Bártolo, Guillermo García Lopez, Pedro Sena Nunes e Mafalda Salgueiro

Esta sessão decorre no âmbito do projeto FILMar, operacionalizado pela Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, ao abrigo do Mecanismo Financeiro de Apoio EEAGrants 2020-2024

A posição geográfica de Portugal influenciou e determinou a profunda relação das suas populações com o mar e os seus recursos. As curtas-metragens que compõem esta sessão exploram esta ligação, navegando temáticas que se relacionam, de formas muito distintas – e, por vezes, de maneira subtil – com este elemento natural. Em alguns destes filmes, a relação histórica de Portugal com o mar revela-se em reflexões e retratos de tradições regionais (os barcos típicos de cada região, a produção de sal em Rio Maior, e a comunidade piscatória de Matosinhos) e familiares (a partilha de práticas e hábitos ancestrais ligados à gastronomia).

SÃO MIGUEL, a obra mais antiga que compõe esta sessão, é um filme de família registado a 5 de setembro de 1924, na propriedade de D. Alice Paiva Pimentel Bicudo, a Villa Alba, localizada na ilha açoriana. Os vários *capítulos* que compõem o filme, assinalados pelos intertítulos, mostram-nos vários elementos da propriedade (a casa, o terreno), mas também da vida familiar (a chegada do avozinho, a avozinha dando lições aos netos vestidos como pequenos marinheiros, e as interações entre familiares e amigos). Um filme amador que revela uma atenção e preocupação com a exploração da linguagem cinematográfica, através do estudo dos planos e do movimento da câmara. Em COMEZAINAS, Mafalda Salgueiro mergulha também no universo familiar, explorando o papel da gastronomia na criação das relações; seguimos Maria da Piedade, a mãe da realizadora, enquanto esta prepara uma série de pratos culinários para toda a família. “Cozinhar é dar carinho”, como afirma Maria da Piedade, e, neste filme, torna-se também um momento de partilha de histórias e recordações pessoais e de construção de novas memórias. As *comezainas*, essas refeições abundantes preparadas com o amor e o carinho da mãe, transformam-se em momentos de contínua partilha, de nutrição física, mas também (e talvez sobretudo) afetiva. COMEZAINAS é, como refere a realizadora, “uma ode ao quotidiano de quem alimenta a família diariamente com amor”, uma celebração da partilha intergeracional [de memórias e receitas] e, logo, também da tradição. A partir da representação do quotidiano da sua família, a realizadora traça um retrato das dinâmicas familiares do Alentejo, dando especial ênfase às tradições gastronómicas da região.

É também de tradições e costumes que nos fala SOBRE A TERRA E SOBRE O MAR, filme de Miguel Spiguel que retrata as várias tipologias de embarcações utilizadas nas diferentes regiões do país, para transporte ou prática de atividades relacionadas com a pesca. Tal mapeamento remete para o processo já então executado pelo regime, através do SPN/SNI, de pesquisa e levantamento de tradições, costumes, práticas e artefactos de cada uma das regiões do país, que culminou na criação do Museu de Arte Popular. E, no âmbito do discurso nacionalista, é de salientar ainda o recurso a um verso de *A Portuguesa* (hino nacional português) - “sobre a terra, sobre o mar” -, que faz referência aos “descobrimientos” e ao colonialismo português; após uma descrição de todas as embarcações típicas, o filme termina também numa exaltação nacionalista dessas “árvores de uma floresta que sonha e que parte para um destino milenar”. Partindo dessa mesma floresta de onde é extraída a madeira, os primeiros minutos do filme mostram-nos o processo de construção dos barcos – a transformação das árvores em madeira para construção e, conseqüentemente, a produção das embarcações. Estas árvores falam-nos então enquanto barcos, tal como esse sonho que cresce na floresta e que agora se concretiza através destes artefactos utilizados nas mais diversas atividades humanas. SAL SEM MAR, documentário experimental de Fernando Duarte, retrata também um

ciclo de produção, o do sal extraído das Marinhas de sal-gema, na região de Rio Maior. Para além de descrever os processos implicados na produção do sal, e a composição das salinas de Rio Maior, o documentário traça ainda brevemente aquela que é a história desta exploração, cuja origem se perde no tempo, e que na altura se desenvolvia e atualizava, sem perder o pitoresco e os usos e costumes do passado. É também retratada a vida dos salineiros – a mulher que chega com o filho bebé para trazer o almoço ao marido que trabalha nas salinas - e impacto da exploração das salinas na organização socioeconómica da região (a mão-de-obra necessária para desenvolver todas as etapas do processo de produção de sal até à venda na feira anual de Rio Maior). Nesse sentido, SAL SEM MAR traça um retrato desta região, das suas tradições ancestrais e das atividades económicas que a caracterizam.

Numa seleção de filmes que abrange cerca de um século, é interessante observar e assinalar a emergência de novas abordagens, reflexões e preocupações relacionadas com o mar, tanto enquanto recurso socioeconómico, como em termos identitários. No filme mais recente, AS GAIVOTAS CORTAM O CÉU, a tradição piscatória de Matosinhos e as atividades económicas locais (algumas delas geracionais e ancestrais) são ameaçadas pela criação do terminal de cruzeiros, através dos quais começam a chegar cada vez mais turistas à cidade. A adaptação das atividades económicas para o setor turístico cria uma rutura nas relações comunitárias, dividindo aqueles que consideram esta mudança uma oportunidade daqueles que a veem como uma ameaça. Clara encontra-se no meio desta tensão, chamada a escolher entre a felicidade da mulher que ama e a defesa do mundo que sempre conheceu. O filme termina nesta indecisão, que se encerra no rosto de Clara, no último plano do filme, e que acaba por se espelhar no espectador.

AS PALAVRAS DERRETEM-SE NA ÁGUA, filme de Pedro Sena Nunes realizado no âmbito do Ciclo Novas Tendências, do Departamento de Animação da Expo 98, revela essa vontade de experimentar novas linguagens e uma imagética que remete para a modernidade da década da sua produção. Uma criatura antropomorfa com cabeça escamosa nasce no mar, mas a sua jornada decorre na terra, entre florestas, areais, salas e corredores. Uma sucessão de imagens, lugares e acontecimentos aparentemente desconexos transportam-nos para um universo onírico que se torna, gradualmente, alucinógeno (“até ele não poder distinguir o que vê, do que recorda, o mundo das suas representações”). Uma metáfora para a alienação do Homem moderno, afundado no excesso de informação e estímulos. Este desconforto experienciado pelo personagem ecoa ainda na experiência de visionamento do filme, condicionando o espectador a imergir nessa mesma alucinação. Também aqui falamos de ciclos e do cruzamento entre o Homem e a natureza, pois é nesse retorno à água e ao mar, esse “ventre materno” que esta criatura parece encontrar alento.

Sara Oliveira Duarte